



O Museu em Cordel: O relato de uma experiência de aprendizagem lúdica no Museu da Cidade do Recife

Kalhil Gibran Melo de Lucena¹

Diana Rodrigues do Rêgo Barros²

Rafaela Ribeiro de Lima³

Resumo

Os museus são espaços de educação não formal que oferecem meios para aprendizagens, reflexão e interação social. Neste sentido, foi realizado, de março a setembro de 2009, no museu da cidade do Recife, um projeto que tinha como público alvo alunos dos ensinos fundamental e médio, das redes pública e particular a fim de inseri-los no universo museal, objetivando estimular a interação e a criatividade, bem como fazê-los compreender a história do Recife de uma maneira lúdica e divertida. Tal projeto denominava-se “O Recife em Cordel”, onde se apoiava na linguagem da literatura de cordel para fomentar o processo de ensino-aprendizagem. Os resultados foram bem relevantes, porque os alunos entraram em contato com história, literatura e musicalidade, a partir das rimas do cordel. Entrementes, percebe-se que a instituição escolar pode e deve aliar-se aos órgãos que trabalham na perspectiva de preservação e difusão da memória. Nesse ínterim, o Museu da Cidade do Recife, visa atuar como ferramenta pedagógica para professores e alunos, haja vista a intenção comprometida de alguns profissionais tanto da área escolar quanto museológica em maximizar a compreensão de cultura, patrimônio e memória.

Palavras chaves: Museu, Literatura de Cordel e Educação.

Introdução

O educador, seja ele profissional de instituições escolares ou de museus, precisa despertar no educando o gosto e o prazer da construção do conhecimento, considerando as particularidades (virtudes, defeitos e dificuldades) desse discente. Deve haver comprometimento docente a fim de usar toda e qualquer possibilidade possível para levar o aluno a aprender. Nesse sentido, ir para além dos livros didáticos torna-se uma opção para que se obtenha dos alunos um novo posicionamento na construção do saber escolar, e assim, eles poderão despertar para novas visões de mundo.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História - Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. kakogibinha@yahoo.com.br

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História – Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. dianaufpr@gmail.com

³ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. finharibeiro13@hotmail.com



O que surpreende na aplicação de uma educação realmente libertadora é o medo da liberdade (FREIRE, 1992). É preciso que os professores, em geral, se disponibilizem a encontrar metodologias que tornem o ensino suave e prazeroso, para que isso venha estimular o alunado a entender e a gostar das matérias escolares em geral. Diante desse contexto o projeto **O Recife em Cordel** se propôs a trabalhar numa perspectiva dialógica, em que os educandos e o público em geral, do Museu da Cidade do Recife, tivessem espaço para construir conhecimento. No cotidiano dos museus é primordial que apareçam as dúvidas, os questionamentos, os problemas que se cruzam com os sonhos, com a pluralidade, com a atualização, caminhando-se assim, para a aprendizagem.

Caimi (2006) nos diz que levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens.

Entende-se, portanto, que é de fundamental importância o rompimento com o modelo tradicional nos espaços museológicos, afinal de contas o público não é uma folha em branco, nem é um sujeito a-histórico, como pregava o empirismo, e conseqüentemente o behaviorismo. Ele também não é um depósito inútil em que se faça necessário regurgitar ou despejar os conteúdos. Ao contrário, o público dos museus é síntese de múltiplas determinações e traz uma bagagem muito rica de experiências. Esta mudança de percebê-lo na condição de ser histórico, social, ativo, cidadão de direitos e deveres pode orientar os educadores e/ou mediadores dos museus à uma perspectiva de prática pedagógica dialógica, plural e prazerosa.

É necessário se adquirir um paradigma de mediação estruturado e baseado em linguagens lúdicas, com o objetivo de se fazer renascer o prazer e o entusiasmo pela História, pois assim, haverá um estímulo do pensamento e do desenvolvimento da capacidade intelectual dos discentes. Nesse ínterim, o projeto **O Recife em Cordel** objetivou dialogar com alunos do Ensino Fundamental, Médio e até mesmo Superior, a História da cidade do Recife, usando como linguagem lúdica a literatura de Cordel; linguagem essa que se apresenta com musicalidade, história e literatura, e ainda proporciona pluralidade.

A importância dos educandos entrarem em contato com essa literatura é justamente atentarem para o fato do multiculturalismo e não ficarem presos a formas



literárias, bem como conhecerem um pouco de sua cidade e de sua cultura não ficando submissos a estereótipos literários criados sobre nosso contexto cultural. Outra questão pertinente fica por conta de se dar continuidade ao processo de resgate da Literatura de Cordel enfraquecido no Nordeste brasileiro nas últimas décadas, sobretudo devido ao uso de novas tecnologias pela população, tirando um papel importante do Cordel que era de informar e de entreter. Vale ressaltar que boa parte dos nordestinos só tinham acesso à informação, mídia, e educação por meio do Cordel, adquirido nas feiras populares. Corolariamente, a tecnologia trouxe uma nova perspectiva educacional para a região em questão, e de forma alguma fica a repreensão ao seu uso; todavia, devido a outros fatores também, seu uso contribuiu ao longo do tempo para a perda do caráter informativo do Cordel. Assim, levar o Cordel para o universo das mediações nos museus ou na sala de aula é contextualizar o aluno no meio social e promover interdisciplinaridade, além de reafirmar a Literatura de Cordel como identidade não somente do povo nordestino, mas do povo brasileiro.

Chaluh (2006), no seu livro **Educação e Diversidade – Um projeto pedagógico na escola**, faz referência, com muita propriedade, a um documento elaborado pelo Centro de Tecnologia Educativa, Tel Aviv, de título – Ensino Adaptado na Classe Heterogênea, que diz:

O desafio da escola é de fazer progredir todos os alunos em um sistema educacional heterogêneo, dando a cada aprendiz a possibilidade de aproveitamento máximo de seu potencial de aprendizagem. Fortalecendo a necessidade de dar uma resposta às diferenças dos alunos e respeitando seu direito de serem diferentes. (Chaluh, 2006)

O diálogo entre o educador e o educando tem de estar sempre formulado por perguntas abertas no sentido de ampliar as funções cognitivas do discente. O método da reflexão tem um dinamismo capaz de motivar no aluno novas ampliações de explicação e novas idéias. Ao elaborar o diálogo com o estudante, o mediador de museu e/ou os educadores em geral poderão perceber a individualização e as diferenças entre a turma, que por sinal é heterogênea. Dessa forma, buscando um modelo de ensino construtivista, o projeto **O Recife em Cordel** mostrou-se com a finalidade de auxiliar o sujeito a organizar suas idéias, analisar, justificar suas respostas e expressar seu pensamento, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação no mesmo.



Encontramos na Literatura de Cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões. Qualquer que seja o método de abordagem do educador, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado, conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001).

Pode-se então perceber que o folheto de Cordel se apresenta como um instrumento atrativo para ser usado tanto em sala de aula, como em ambientes de aprendizagens não-formais, como os museus. Todavia, ele é apresentado aqui apenas como um exemplo, uma vez que o universo das linguagens lúdicas para o ensino está bem servido (quadrinhos, teatro, cinema, música, etc.); só depende que o educador venha apropriar-se delas e possa construir a sua aula junto aos seus alunos.

Chaluh (2006), fazendo referência a Sacristán, relata que o controle interno e externo dos conteúdos faz com que os professores imponham uma cultura de certa forma homogeneizada, assim como tipos e níveis de rendimentos padronizados. Portanto, para que seja de fato considerada a questão do pluralismo e da dialogicidade no universo escolar e museal, é necessária uma mudança em seu sistema por completo. Isso porque, a cultura homogênea do currículo escolar, bem como a estagnação do modo tradicional de boa parte dos museus, no que se refere às visitas, não são favoráveis ao objetivo de se fazer com que os ritmos de aprendizagem e formas de trabalhar distintas, dentro de um mesmo grupo de alunos e/ou o público em geral, sejam meios facilitadores, tanto para a construção do conhecimento, quanto para o processo de ensino-aprendizagem.

Todavia, se houvesse uma real mudança nos paradigmas de ensino, poderíamos dar um salto significativo de qualidade na prática pedagógica da educação nesse país, pois estaríamos propiciando uma situação em que os educadores seriam mais comprometidos e os alunos teriam suas diferenças somadas, respeitadas e trabalhadas. Assim, diante de um Brasil multicultural não se deve permitir que os saberes sejam unificados, porque isso inibe as aptidões, as capacidades, as motivações e as disposições individuais. O alunado brasileiro está saturado do conhecimento do tipo “fala que eu te escuto”, dos monólogos em sala de aula e nos museus. Os discentes precisam fazer parte da construção do



conhecimento. É necessário romper com a pedagogia tradicional, pois essa vê o educando como um simples agente passivo no processo ensino-aprendizagem.

Chaluh (2006) questiona: o ensino no Brasil será capaz de transmitir esses novos valores como pessoas e ao mesmo tempo levar em conta as particularidades de cada um de nós? Considera-se que esse tem que ser o grande desafio da escola e também dos museus. Nesse sentido, Pereira nos diz que:

Ensinar significa impregnar de sentido a prática pedagógica cotidiana, na perspectiva de uma escola-cidadã. Vale dizer, que a escola é reprodutora, na medida em que trabalha com determinados conhecimentos produzidos e acumulados pelo mundo científico, mas transformadora, visto que promove uma apropriação crítica desse mesmo conhecimento tendo em vista a melhoria da qualidade de vida da sociedade global. (Pereira, 2006)

No entanto, sabe-se que a mudança de paradigma é difícil, porque vivemos um tempo em que a organização social se faz e refaz consumista e competitiva. E os princípios que se fundamentam findam por produzir discriminações e exclusões de diversas ordens. Dessa forma, questionamos o que, afinal, temos produzido como educadores? Para onde caminha nosso pensar e nosso atuar diante das exigências educacionais oriundas da diversidade e complexidade dos alunos que compõem o ambiente dos museus, ou até mesmo a sala de aula?

Mudar a atitude dos educadores dos museus e das escolas é um processo lento, que exige mudanças profundas em posturas e em paradigmas internos. Também é preciso ressaltar que mesmo os educadores que se disponibilizam para esse processo terminam sendo reféns de um sistema educacional altamente deficiente, que não coloca à sua disposição boas condições de trabalho e salários justos com possibilidades de participarem de projetos de formação continuada ou capacitações de qualidade.

É de fundamental importância considerar o poder de criação e de interpretação dos alunos e do público dos museus, pois eles precisam descobrir-se num processo de ensino-aprendizagem em que sejam sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança pelos saberes em geral; e para isso os educadores precisam desenvolver um diálogo amigável, proveitoso e eficiente com os educandos.



Procuramos fugir das tradicionais interpretações de textos, bem como das recorrentes maneiras enfadonhas de se desenvolver as visitas nos museus. Neste sentido, percebemos que os folhetos de cordéis se apresentam como atividades mais dinâmicas e envolventes que possibilitam uma convivência com as obras e que exigem, por sua vez, mais envolvimento do profissional de ensino. A diversidade do cordel pode ser aproveitada para instigar debates, discussões e promover a interação entre educador e educando.

1. Metodologia

Metodologicamente, o projeto **O Recife em Cordel** propunha unir entretenimento e aprendizagem, maximizado por um processo agradável e divertido. Sendo a exposição permanente do Museu da Cidade do Recife dividida em quatro séculos (do século XVII ao XX), os alunos tinham a oportunidade de viajar dentro de quatrocentos anos, pela História da cidade do Recife, resgatando a memória local bem como a individual. Entrementes, tal viagem não se fazia apenas através da visita monitorada, mais também alicerçada pela literatura de Cordel. A história local era contada tanto pelo acervo da exposição, intitulada **Recife de Muitos**, quanto pelo Cordel intitulado **A Linda História do Nosso Recife**, lido e interpretado durante a visitação.

A encenação teatral, com figurino específico para cada ambiente do museu, era mais um elemento artístico unido ao Cordel, que facilitava a compreensão da história contada pelo acervo. Enquanto um monitor explicava a exposição, outro declamava o Cordel com interpretações que divertiam e aguçavam a imaginação dos estudantes.

A atividade lúdica exercida dentro do ambiente do museu rompe com a velha estrutura do livro didático sempre à mão, pois a grande problemática daquele, é que se apresenta como verdadeira versão simplificada de enciclopédias, ou seja, o livro didático não se caracteriza como único recurso de estimular o raciocínio do aluno.

Diante dessa situação, aos alunos são exigidos decorar, por exemplo, que Cristóvão Colombo embarcou na viagem para o Novo Mundo, com três caravelas, a Nina, a Pinta e a Santa Maria; que o Brasil foi descoberto em 1500 por Cabral; que o Egito é uma dádiva do Nilo e etc. Estamos tão acostumados a salientar os fatos e



informações consideradas importantes que esquecemos a importância de estimular o raciocínio, o pensamento ativo, a reflexão e a descoberta pelo aluno. Todavia, esses problemas podem ser minimizados se atividades lúdicas dentro de museus e escolas passarem a ser hábitos da prática de ensino, se os educadores perceberem quão importante é valorizar elementos culturais a partir de perspectivas individuais e, principalmente, que a ludicidade não é coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem, mais sim fomentador dele.

Analisa-se então, que um livro expositivo, por natureza, não é um livro de construção de idéias, que provoque reflexão; pelo contrário, é um livro que desvia a atenção do aluno do ato de pensar. Quando apenas memoriza, o educando esquecerá boa parte das informações dentro de poucas semanas ou poucos meses. Essa mesma idéia pode ser aplicada ao museu. Ora, a um museu não se aceita mais a exposição pela exposição, como se ela estivesse ali para ser apreciada e depois esquecida. O acervo do museu deve dialogar com os visitantes, deve instigar indagações e fazer que os visitantes, estudantes ou não, saiam com questionamentos, estimulando a pesquisa. Neste sentido, atividades lúdicas, como aquelas exercidas no Museu da Cidade do Recife através do projeto **O Recife em Cordel** une-se ao próprio Museu, ou seja, ao próprio acervo, como se um completasse o outro, ou melhor, como se o cordel fosse uma extensão da exposição e vice-versa.

Entretanto, muitas vezes dizemos ter ensinado algo quando, na realidade, apenas falamos sobre o assunto, mas o ensino não consiste simplesmente em proferir discursos. É muito fácil dizer que o aluno não entendeu o que foi explicado; que ensinamos, mas não entrou na cabeça do aluno, como se o problema fosse sempre do educando. Acreditamos ser um bom educador mesmo percebendo que o aluno não compreendeu os assuntos abordados. Esquece-se que a função do educador é a de mediar o educando ao caminho do aprender e do pensar.

Compreende-se que a aprendizagem não precisa ser um processo doloroso, e que o conhecimento do aluno não equivale ao conhecimento de livros. Os educandos têm o seu próprio modo de pensar, e assim, suas idéias são representações mentais. Conclui-se, portanto, que o educador é quem tem que se adequar ao alunado, para que esse seja recíproco.



Werneck (1993) argumenta que, se a dialogicidade penetrar em suas práticas, se os currículos ocultos corresponderem aos manifestos e se os educadores tiverem a coragem de deixar os seus alunos errarem, para discutir com eles o erro, haverá alguma esperança de mudança, num horizonte que entre nós retrata apenas o amanhecer.

Em suma, considera-se de fundamental importância que as discussões e problematizações aqui elucidadas não põem um ponto final nos diálogos acerca do assunto em questão. Deseja-se sair da teoria enclausurada no meio acadêmico para a prática expandida ao externo, onde o processo de ensino-aprendizagem se faz, ou deveria se fazer, inerente às singularidades de cada sujeito.

2. Resultados e discussão

A mediação, de modo geral, é uma forma de aproximar mundos, romper fronteiras além de ampliar conceitos e significados. Esta pode ser realizada das mais variadas maneiras, isso vai depender do compromisso assumido pelo mediador e de sua didática. O projeto **O Recife em Cordel**, surgiu a partir da necessidade sentida pelos idealizadores, em se alterar a forma em que se era realizada as mediações no Museu da Cidade do Recife. As constantes transformações na educação vêm exigindo que se mude também tudo que esteja ligada a ela.

Anderson Pinheiro em seu artigo **Sobre Educadores em museus e salas de aula** publicado no segundo caderno **Diálogo entre arte e público**, relata algumas reclamações feitas a algumas mediações que possuem “*o discurso cansativo (mediações palestras) dos mediadores com os alunos, das informações imprecisas, dos maus-tratos, com as interferências dos professores e/ou dos alunos durante a mediação, etc.*” É baseado nesse estereótipo de mediação, que o projeto **O Recife em Cordel**, se alicerça tentando mudar essa realidade. Com isso o resultado que se pretende chegar são atividades ricas de experiências, cheias de descobertas e com o envolvimento de todos os participantes, sejam eles estudantes ou não, levando assim pontos positivos tanto no museu quanto na escola.

Porém essa tarefa é árdua e exige comprometimento de todas as partes, passando por todos os funcionários inseridos tanto nas atividades de mediação, quanto aos envolvidos na escola. Dentre os pontos que precisam ser revistos estão



a interferência dos professores nas mediações, a não preparação prévia dos alunos para a visita ao museu, em que muitas vezes os alunos são largados nas mãos dos mediadores, entre outras coisas. Entre as dificuldades encontradas pelos mediadores, talvez uma das mais importantes, destacamos o não investimento na preparação e formação desses profissionais para as exposições (conteúdos, metodologias de trabalhos, etc.). É necessária a existência de um projeto mais amplo que interligue as mais diversas instituições ligadas à preservação da memória e às escolas, para que haja uma prévia preparação dos alunos em relação ao que será visualizado nos espaços fora da sala de aula.

Conhecer o acervo disponível no museu é de fundamental importância para que se possa realizar uma mediação mais consistente e rica. Perceber o perfil da instituição tornará sua exposição mais próxima do público, uma vez que suas peças devem representar significado no cotidiano da história de sua cidade. O Museu da Cidade do Recife possui uma grande quantidade de fotografias, livros, mapas, etc. que nos mostra as transformações urbanas e culturais sofridas desde o tempo da Colônia. Pensar sobre a cidade em que se vive, sua história, memória e seus patrimônios artísticos culturais, é de fundamental importância para a formação de um cidadão crítico e inserido em sua realidade.

Felizmente já existem várias políticas voltadas para incentivar e investir recursos nos museus. Neste sentido, em Junho de 2004 foi publicado o Sistema Brasileiro de Museu, onde diversos profissionais, sejam eles da área ou não, se reúnem para tratar de problemas e soluções existentes nas instituições.

3. Considerações finais

Pode até parecer utopia, mas se toda essa discussão aqui exposta sair do campo filosófico e for executada na prática cotidiana dos museus e da sala de aula, haverá um impulso à realidade, em que a exclusão das diferenças, a competitividade e a discriminação possam ser exterminadas, a partir da prática de um ensino construtivista, produtivo, positivo e mais agradável para todos.

A execução do projeto **O Recife em Cordel** foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, isso porque, tivemos a oportunidade de fazer importantes trocas cognitivas com diversos educadores e educandos da Região Metropolitana do



Recife, e também de leituras que aumentaram consideravelmente o nosso grau de produção de conhecimento, a partir de diálogos com diferentes teóricos.

Em suma, considera-se de fundamental importância que as discussões e problematizações aqui elucidadas não põem um ponto final nos diálogos acerca do assunto em questão. Deseja-se sair da teoria enclausurada no meio acadêmico para a prática expandida ao externo, onde o processo de ensino-aprendizagem se faz, ou deveria se fazer, inerente às singularidades de cada sujeito.

Referências

CAIMI, Flávia Heloisa. **Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Niterói, RJ: Tempo, volume 11, 2006.

CHALUH, Laura Noemi. **Educação e Diversidade – Um Projeto Pedagógico na Escola**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Anderson Pinheiro. **Diálogos entre Arte e Público: caderno de textos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.2, 2009.

SILVA, Ezequiel T. da. **Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. Brasília: Unicamp, 1996.

O sistema brasileiro de museus.- Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004. 98p. – (Serie ação parlamentar; n. 290)

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.